

O BARCO DOS MORTOS: UM ESTUDO SOBRE O RITO DE CREMAÇÃO DOS VIKINGS*



Leandro Vilar Oliveira**

Resumo: *a proposta deste artigo foi analisar o rito de cremação em barcos como comumente atribuído aos vikings, pois, nas pinturas, literatura e filmes é comum ver guerreiros ou reis sendo cremados em navios ou barcos. Mas isso seria resultado de uma visão romancada sobre práticas funerárias ou realmente os vikings realizam tal ato. Levando isso em consideração a pesquisa buscou consultar fontes medievais oriundas da História, Literatura e Arqueologia para averiguar entre as práticas que formavam a Religião Nórdica Antiga, como teria sido o ato de cremação em embarcações, como ele era realizado e quais evidências possuímos a respeito.*

Palavras-Chave: *Vikings. Barcos funerários. Religião Nórdica Antiga.*

Entre os escandinavos da Idade do Bronze (1800-1000 a.C.), da Idade do Ferro Escandinava (1000 a.C.-750 d.C.)¹ e da Era Viking (750-1100 d.C.), a inumação e a cremação foram práticas fúnebres que coexistiram ao longo da História, e devido a esse longo período cronológico elas apresentaram diferenças na forma de como eram realizadas. Mas embora tenham existido tais diferenças, para o senso comum prevaleceu a imagem propagada através das artes, primeiro com pinturas no século XIX, depois com romances e filmes no século XX, os quais tornaram a cremação em navios como tendo sido o modelo para funeral viking (DELGADO, 2019, p. 81).

Nesse sentido é preciso inicialmente levar em consideração que quando falamos em vikings, um dos símbolos que visualmente associamos a eles são seus navios, especialmente o chamado *longship* ou *dreki*, o qual apresenta baixo calado, remos, um único grande mastro de vela retangular e a icônica figura de proa

* Recebido em: 14.09.2019. Aprovado em: 22.11.2019.

** Doutorando em Ciências das Religiões (UFPB). Mestre em História e Cultura Histórica. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). *E-mail:* vilarleandro@hotmail.com

em forma de cabeça de serpente ou dragão. Neste ponto, o imaginário dos vikings como um povo marinheiro, pirata e desbravador também tende a reforçar o papel dos navios em sua cultura, tornando-os não apenas meio de transporte, mas também símbolos de valor e honra (DELGADO, 2019, p. 82).

Convenhamos que em termos visuais um valoroso viking ser cremado em uma embarcação, pode ser visualmente impactante. E soma-se isso toda uma construção do rito fúnebre para ocasião, envolvendo seus companheiros de armas ou familiares, os quais se reúnem para depositar a arma e escudo do falecido, e talvez lhe ofertar presentes. Em seguida segue-se uma pequena procissão ao som de alguma música clássica, enquanto o corpo é trasladado até a embarcação, então flechas flamejantes são atiradas para incendiar o barco que segue pelo mar. Esse exemplo relatado nestas poucas linhas foi baseado no filme *Vikings, os conquistadores* (1958), clássico do cinema cult, estreando Kirk Douglas no papel principal. A cena do funeral que ocorre no final do filme tornou-se icônica, influenciando várias produções desde então.

Porém, será que essa forma de cremação ocorria dessa maneira ou estamos falando de uma ideia ficcional proveniente de pinturas românticas do século XIX, ou uma romantização de um rito fúnebre real? No caso, para responder tais questionamentos, nossa metodologia de estudo seguiu a diretriz de se apresentar uma fundamentação histórica da religião dos vikings, em seguida realizar a análise de fontes, respaldadas em comentários de especialistas, para no fim, tecer comentários próprios o assunto. Dessa forma, o artigo foi dividido em três partes: na primeira uma apresentação geral acerca dos ritos fúnebres praticados pelos vikings e seus ancestrais, além de alguns comentários sobre alguns aspectos religiosos, como as ideias sobre alma e vida após a morte. A explicação destas características é fundamental para compreender as diferentes formas pelas quais os nórdicos possuíam para encaminhar os mortos ao Além.

Num segundo momento apresentamos os relatos mitológicos provenientes principalmente das *Eddas*², as mais significativas obras de teor mitológico escandinavo que se possui, nas quais encontram-se dois mitos em particular que descrevem um funeral numa embarcação. Tais mitos foram comentados para depois serem comparados ao relato histórico de um viajante árabe do século X, o qual teve contato com vikings no que hoje é o sul da Rússia. Na ocasião ele relatou ter participado de um “estranho funeral” onde um “rei” era cremado num navio.

Por fim, na terceira parte comenta-se a partir da Arqueologia o que se conhece sobre funerais em embarcações na Escandinávia da Alta Idade Média (sécs. V-X). Nesse ponto evidenciamos as explicações de arqueólogos e historiadores em mostrar que realmente foram encontradas embarcações naquele período, mas não quer dizer que fossem queimadas.

CRENÇAS RELIGIOSAS E FUNERÁRIAS

A Religião Nórdica Antiga (*Old Norse Religion*) refere-se ao conjunto de crenças compartilhadas pelos povos que habitavam desde a Antiguidade, a região da

Escandinávia, na época equivalente aos territórios atuais da Noruega, Dinamarca e Suécia, posteriormente tais crenças foram expandidas para outras localidades da Europa e até além desta, devido as viagens e expedições realizadas pelos vikings. Tratava-se de uma religião autóctone do norte da Europa, embora tenha sofrido influências da área germânica, celta e sámi (Lapônia), ainda assim, era uma religião com características próprias, as quais variaram durante a época e o lugar (HULTGÅRD, 2008, p. 212).

A Religião *Nórdica* Antiga também sofreu influência do Cristianismo, principalmente a partir do século X, quando alguns monarcas dinamarqueses e noruegueses tentaram impor a fé cristã em seus reinos, além do fato de que na Inglaterra foi instituído o Danelaw, região governada pelos dinamarqueses por quase um século. Ali anglo-saxões e nórdicos conviveram por décadas a ponto de ter se desenvolvido um estilo artístico próprio, resultante do hibridismo cultural das religiões destes dois povos (GRAHAM-CAMPBELL, 2006, p. 124-125).

Johnni Langer (2009, p. 103) sintetizou algumas das principais características dessa religião, dizendo que se tratava de uma fé que não possuía livro sagrado, nem dogma ou credo; não possuía clero institucionalizado, secular ou regular; era uma religião pautada no rito e no culto, permeada por características politeístas, naturais e mágicas. Não existia a ideia de pecado, ou noções de divindades boas e maléficas. Era uma religião de caráter rural, contendo ritos públicos e privados.

Percebe-se por tais características apresentadas que a Religião *Nórdica* Antiga não consistiu num sistema homogêneo de crenças e isso é importante a ser destacado, pois quando analisarmos os ritos funerários se perceberá os diferentes tipos de ritos e crenças envolvidas com estes. Além disso, os nórdicos também acreditavam na existência da alma (*hamr*) e que essa fosse imortal. Acreditavam que a *hamr* era o espírito que animava o corpo terreno, inclusive durante o sono ou em estado de transe, a *hamr* poderia deixar o corpo, podendo viajar para outros mundos ou até mesmo incorporar-se nos corpos de animais. No caso das almas que não receberam os ritos fúnebres adequados, o morto poderia se tornar um *draugr* (morto-vivo) (LANGER, 2005, p. 65).

Pelo fato de acreditarem na imortalidade da alma e na vida após a morte, os nórdicos e seus ancestrais desenvolveram várias concepções sobre mundos da morte, embora Valhala e Hel sejam os lugares do pós-morte mais conhecidos e mencionados nos mitos. Ainda assim, sabendo que a morte não era o fim, mas o início de uma nova jornada, se fazia necessário preparar os mortos para essa nova jornada. Quando uma pessoa morria seu corpo caso pudesse receber os ritos fúnebres, o morto seria preparado para realizar sua viagem a outra vida. Pelo fato de que nessa religião não existia um clero fixo, os enterros poderiam ser realizados pela própria família. Nesse aspecto, Langer (2009, p. 106-107) comenta que:

A família era o centro da comunidade, estreitamente relacionada com a fertilidade-fecundidade, em uma sociedade rural de paz e prosperidade. Os principais

cultos eram relacionados aos ciclos sazonais ou a situações de crise: batismos, funerais, sagrações de terras e templos, juramentos. [...]. O chefe de família era o executante de todos os grandes rituais sazonais ditados por um evento (casamentos, nascimentos, funerais, cerimônias do aettleiöing — introdução de um novo herdeiro em uma família), ou um sacerdote em caso de sacrifícios.

Os sacerdotes e sacerdotisas não formavam um clero profissional e especializado, mas eram pessoas que possuíam conhecimento sobre as práticas religiosas. Não havia diferença entre secular e laico. Os sacerdotes poderiam quando necessário cuidar da administração de um templo, da realização de alguns sacrifícios e ritos públicos, mas mantinham outras funções. Além disso, o rei ou chefe da comunidade também possuía funções religiosas, cabendo a ele presidir a realização de cerimônias, sacrifícios e outros ritos (LANGER, 2005, p. 57-58).

O funeral entre os nórdicos da Idade do Ferro Escandinava e da Era Viking era basicamente feito de duas formas: a inumação e a cremação. Evidentemente que a cerimônia mudou ao longo do tempo. Em diferentes túmulos a forma como o corpo estava deitado ou até mesmo sentado, a direção que apontava sua cabeça ou sua cova, tudo eram elementos associados a diferentes ritos (PRICE, 2008, p. 262).

Douglas Price (2015, p. 281) aponta que desde a Idade do Ferro Escandinava encontram-se vestígios de cremação, talvez essa prática possa ser bem mais antiga. Além disso, ele salienta que a cremação conviveu com a inumação ao longo dos séculos, mostrando que para a Religião Nórdica Antiga, não havia uma restrição de como o corpo deveria ser encaminhado após a morte, pois havia distintas formas de como realizar os ritos fúnebres. Price também assinala que em alguns casos as cinzas eram recolhidas e guardadas em urnas, as quais eram enterradas numa cova simbólica.

A arqueóloga Kristina Jennbert (2006, p. 134; 2002, p. 11) comenta que do século III d.C. ao XI d.C. na Escandinávia, foi comum sepultamentos nos quais os mortos eram enterrados com objetos e com animais. Entre os animais figuravam principalmente cães e cavalos, por serem animais associados com os mortos. Além desses animais, em alguns túmulos foram encontrados ossos, chifres e peles de ovelhas, cabras, gatos, porcos, vacas e galinhas.

No que diz respeito aos objetos, estes poderiam ser pentes, facas, ferramentas agrícolas, joias, ornamentos, armas, escudos, armaduras, utensílios domésticos, ferramentas diversas, roupas, cobertores, almofadas, recipientes e cestas com comida, odres com bebidas, entre outros objetos (PRICE, 2008, p. 260). Lembrando que para os vikings a morte era uma continuação da existência terrena, logo, na concepção deles se fazia necessário levar daqui objetos que lhe seriam úteis na outra vida, assim como, o alimento lhe serviria durante a viagem para algum mundo da morte (JENNBERT, 2006, p. 136).

Price (2008, p. 260, 266) também explica que pessoas pobres seriam enterradas com poucos objetos e talvez com nenhum animal. Por sua vez, pessoas ricas e influentes poderiam ser enterradas com pequenos tesouros, vários animais

e até mesmo com outras pessoas. Quanto a presença de tais acompanhantes nos túmulos é problemática. Sabe-se de casos de familiares que morreram ao mesmo tempo, e assim foram inumados ou cremados juntos, mas há casos que se encontrou o corpo de homens e mulheres, os quais foram decapitados, estrangulados, enforcados ou tiveram o pescoço quebrado, e estavam sepultados com outra pessoa.

Nesta situação, por terem sofrido uma morte violenta, os arqueólogos e historiadores sugerem se tratar de escravos que foram sacrificados para acompanhar seu senhor ou senhora na outra vida. Isso não seria estranho, pois a religião nórdica antiga permitia o sacrifício humano, e o suicídio não era encarado como um tabu. Inclusive um escravo ser sepultado com seu senhor era uma honra, embora não se saiba exatamente como se dava o processo de escolha de quem seria sacrificado no rito fúnebre (PRICE, 2008, p. 267).

No entanto, a presença de objetos, animais e sacrificados não era exclusiva da inumação, a cremação também recebia o mesmo direito como explica Hélio Pires (2016, p. 122), ao dizer que:

O registo arqueológico permite perceber que os ritos de cremação envolviam não apenas uma pira fúnebre – que podia ser um barco – na qual os corpos eram queimados juntamente com oferendas e vítimas sacrificiais, mas que as cinzas eram posteriormente enterradas, com frequência no próprio local da cremação. Ossos humanos ou animais que sobrevivessem ao fogo eram recolhidos, limpos e repostos sobre as cinzas, por vezes dentro de recipientes de cerâmica ou de madeira. E depois seguir-se-ia a construção da campa – por exemplo, uma colina fúnebre ou um conjunto de pedras – fase em que novas oferendas podiam ser acrescentadas e enterradas juntamente com as cinzas.

Diante dessas características gerais sobre o funeral escandinavo, passaremos para a análise de um destes ritos, a cremação em barcos. No caso veremos algumas de suas características centrais, referências em fontes textuais e arqueológicas.

O RITO DE CREMAÇÃO

Na mitologia nórdica uma das melhores referências sobre a cremação em um navio advém do mito sobre o deus Balder, uma das divindades mais significativas do panteão nórdico, pelo menos em quesito mitológico, já que está ausente na religião, por não haver referências textuais e arqueológicas que atestem algum possível papel religioso atribuído a Balder. Além disso, ele não era o único deus nórdico nessa situação. O pouco que se sabe acerca dos cultos aos deuses nórdicos, está associado aos deuses Odin, Thor, Freyr e Freyja (SIMEK, 1993, p. 26-27)

Balder era filho de Odin e Frigga, sendo casado com Nanna e pai de Forseti, o deus da justiça. Balder é mencionado algumas vezes na *Edda Poética* como nos poemas *Völuspá* (Visão da Advinha), *Baldrs draumar* (Sonho de Balder), *Loka-*

senna (Escárnios de Loki) e no *Grimnismál* (Os ditos de Grímnir), sendo as menções mais significativas a este deus estando contidas no *Völuspá* e no *Baldrs draumar* (BERNÁDEZ, 2002, p. 279).

Basicamente estes poemas narram que Balder foi assassinado por engano por seu irmão Hod, embora não adentrem em detalhes de como isso se sucedeu. Quando passamos para o *Gylfaginning* da *Edda em Prosa*, nesse encontramos informações mais detalhadas. Nesta obra o autor Snorri Sturluson informou que Balder foi morto num plano arquitetado por Loki, além de ser o único relato a mencionar o funeral do deus. Sobre isso, John Lindow comentou o seguinte:

A morte de Baldr na verdade compreende várias partes constituintes, e Snorri é o primeiro a combiná-las todas em uma narrativa fluida, mesmo que a Völuspá, uma versão que claramente antecede a dele, conte a maior parte dessa história. Essas partes podem ser convenientemente divididas da seguinte forma: a morte de Baldr, seu funeral, a tentativa de reavivamento e a vingança por ele (LINDOW, 2001, p. 66, tradução nossa).

No *Gylfaginning* 49 é narrado que Frigga viajou pelo mundo solicitando que todos os seres vivos e inanimados (fogo, vento, água, metal, madeira, pedras e outros elementos da natureza), mas que poderiam ferir Balder, jurassem em jamais lhe causar mal algum. Assim o deus ganhou o dom da invulnerabilidade. Todavia, por algum motivo não claro, os deuses acharam o dom dele algo engraçado, e assim criaram um jogo de tiro ao alvo, onde o deus era o alvo, sendo atingido por toda sorte de coisas. Como ele não se feria, os deuses achavam aquilo divertido. Entretanto, Loki que nutria inveja de Balder descobriu o ponto fraco do deus e armou um ardil para matá-lo.

A morte de Balder abalou todos os deuses, pois embora eles não fossem imortais, ninguém esperava por aquilo, já que ele recebeu de sua mãe a invulnerabilidade. Os deuses tentaram resgatá-lo. Hermodr, um dos irmãos de Balder, se ofereceu para viajar à Helheim e solicitar da deusa Hel que libertasse a alma de seu irmão. A deusa propôs uma condição para isso: que todos os seres do universo chorassem. Novamente Loki atrapalhou tudo. Transformando-se numa gigante de nome Tökk, ela negou-se a chorar por Balder, e dessa forma Hel negou reviver o deus.

Após os deuses falharem em reviver Balder, só restava realizar os ritos fúnebres como ditavam a tradição. O *Gylfaginning* 49 segue para o fim, dessa vez descrevendo o funeral do deus. É dito que o corpo de Balder e seus pertences foram levados até o seu navio Hringhorni, o qual era descrito como o maior navio que havia entre os deuses. No entanto, devido às dimensões da embarcação ninguém tinha forças para empurrá-la para o mar, mesmo Thor que era considerado o mais forte dos deuses, não conseguiu mover o grande navio. Com isso, Odin mandou chamar uma gigante de nome Hyrrokin, conhecida por sua grande força e feiura.

A gigante empurrou facilmente o navio para a água. Thor indignado por ter perdido para aquele monstro, ameaçou de matá-la, mas Odin o impediu, dizendo que ela havia vindo em paz e fez uma gentileza a família. Com o navio posto na água, Nanna inconsolada pela morte do marido, pediu para morrer junto com ele. Os deuses consentiram com o pedido da viúva e essa subiu ao navio, deitando-se ao lado do corpo de seu falecido marido. Então Odin deu como presente fúnebre, o anel de ouro Draupnir. O cavalo de Balder, o qual estava todo adornado com seus arreios, foi ali sacrificado. Assim o navio foi incendiado.

Após ler o relato do funeral de Balder, podemos separar alguns pontos interessantes para a análise: 1) cremação num navio; 2) sacrifício humano; 3) sacrifício animal; 4) oferta de presente. Tais pontos sublinhados podem ser considerados características cerimoniais do rito fúnebre de cremação no contexto do mito, no entanto, vejamos outro relato mitológico que faz menção à cremação.

O segundo mito que destacamos diz respeito as narrativas sobre o herói Sigurd, conhecido por ter matado o dragão Fafnir e casado com a valquíria Brunilde (Brynhildr). No caso, trabalhamos com duas versões mais conhecidas. A primeira consta na *Saga dos Volsungos* (*Volsunga saga*), narrativa em prosa datada do século XIII, de autoria anônima, a qual narra a glória e tragédia da Dinastia dos Volsungos. No capítulo trinta e três desta saga, Brunilde solicita a Gunnar que prepare o funeral de Sigurd, e entre as instruções³ estavam: erguer uma pira num campo, sacrificar os cães e falcões dele; sacrificar cinco escravas e oito escravos, colocar a espada entre Sigurd e ela, pois Brunilde decidiu morrer junto ao marido⁴.

Nesses dois mitos vemos como o rito de cremação possui suas semelhanças: sacrifício de animais e pessoas (parentes ou escravos), depósito de pertences do falecido; mas a principal diferença é que Balder foi cremado com sua esposa num navio, já Sigurd e sua esposa foram cremados numa pira funerária.

No entanto, outros relatos lendários nos falam acerca de cremações, embora isso tenha sido feito não em navios ou barcos, mas em piras fúnebres. Sobre isso, destacamos um relato contido na *Saga dos Ynglingos* (*Ynglinga Saga*) como narrada na *Heimskringla*, o qual diz que foi o deus Odin quem instituiu os ritos fúnebres.

Odin estabeleceu a mesma lei em sua terra que estava em vigor em Asgard. Assim, ele estabeleceu por lei que todos os homens mortos deveriam ser queimados, e seus pertences colocados sobre eles na pira, e as cinzas seriam lançadas no mar ou enterradas na terra. Assim, disse ele, todos virão a Valhalla com as riquezas que eles possuíam na pira; e eles também desfrutariam do que eles próprios enterraram na terra. Para os homens de destaque, um monte deveria ser elevado à memória deles, e para todos os outros guerreiros que foram distinguidos pela bravura, uma pedra seria levantada; tal costume permaneceu muito tempo depois da época de Odin (STURLUSON, 2011, p. 11, tradução nossa).

- A descrição na *Saga dos Ynglingos* sobre os ritos fúnebres como sendo criação de Odin é interessante, pois mostra que o deus teria instituído tanto o ato de cremação e de inumação, além de também erguer-se monumentos memorialistas. Porém, sublinha-se que neste relato a cremação é feita numa pira, não em um barco ou navio. Todavia, Rudolf Simek (1993, p. 39) assinala que na crônica intitulada *Gesta Danorum*⁵ (Feito dos Dinamarqueses), em três ocasiões o autor cita chefes nórdicos sendo cremados em barcos. Pela condição dos volumes citados por Simek, que são os III, V e VIII compreenderem o conjunto de narrativas de teor lendário, isso levou os estudiosos a contestarem a credibilidade do relato.
- Entretanto, para além desses relatos mitológicos encontrados nas *Eddas* e dos relatos lendários presentes no *Gesta Danorum*, haveria algum relato de ordem histórica? Sobre isso, possuímos a narrativa do viajante árabe Ahmad ibn Fadlan, que no ano de 921 tornou-se membro integrante de uma missão diplomática enviada pelo califa al-Mutaquir (895-932) a um rei eslavo chamado Almaš ibn Yaltwār, que solicitava do califa, o envio de dinheiro para se construir uma mesquita, um mimbar (púlpito) e um forte. Entretanto durante uma conturbada viagem ao Norte, tendo que enfrentar problemas políticos de autorização para cruzar fronteiras, ameaças contra a caravana e o frio do inverno, ibn Fadlan e seus companheiros entraram em contato com um grupo de rus⁶ (IBN FADLAN, 2018, p. 19, 64).
- Ibn Fadlan (2018, p. 64-65) conta que encontrou aqueles rus no ano de 922, nas terras dos búlgaros do Volga (atualmente na Rússia, ao norte do Mar Cáspio), descrevendo que se tratava de uma comunidade de comerciantes que estavam indo vender escravos e peles de animais naquela região. O autor descreve os rus como sendo imundos, depravados sexuais, beberrões e bárbaros, apesar que ele exalte a beleza daquelas pessoas⁷. Todavia, na ocasião da visita a esta comunidade, no momento ocorria o funeral de seu chefe.
- Ibn Fadlan nos legou um vivo testemunho do que ele chamou de estranho funeral. Sobre isso, ele relatou que enquanto o chefe daquele grupo de rus estava sendo preparado para o funeral, seus filhos, companheiros e amigos bebiam e comiam; festejavam como se fosse uma festa qualquer, não apresentando nenhum sinal de tristeza ou respeito pelo luto. Enquanto aquela “bebedeira” seguia por alguns dias, roupas novas eram costuradas para o falecido chefe, assim como, seu navio era rebocado para terra e um pavilhão erguido sobre o convés. Fadlan comenta posteriormente que uma das escravas se ofereceu para acompanhar o seu senhor. Segundo o costume ela era obrigada a ter relações sexuais com todos os homens do grupo do chefe (IBN FADLAN, 2018, p. 68).
- A escrava após ter relações sexuais com vários homens, era lavada e recebia novas roupas, depois disso ela era conduzida até uma estrutura de madeira que parecia uma porta. Ali os homens a erguiam do chão três vezes, enquanto ela recitava algo em seu idioma, dizendo que via uma porta e além desta, num salão encontrava-se seu pai, mãe e outros parentes. Ela via seu senhor, outras pessoas e enxergava o Paraíso de campos verdes. Ela dizia que o seu senhor a chamava para acompanhá-lo na outra vida (IBN FADLAN, 2018, p. 70).

Posteriormente a escrava cortou a cabeça de uma galinha e a atirou dentro do navio. Em seguida ela subiu ao convés, acompanhada do “Anjo da Morte” – nome que Fadlan dá ao que ele dizia ser uma sacerdotisa –, e de mais duas escravas e seis guerreiros. Abordo foi-lhe oferecida uma bebida que ela teve que beber várias vezes, depois foi conduzida a um pavilhão e ali foi obrigada a ter novamente relações sexuais com os homens presentes, para ser amarrada, enforcada e esfaqueada pelo “Anjo da Morte” (IBN FADLAN, 2018, p. 71).

Ibn Fadlan (2018, p. 69-70) também relata que no navio havia vários objetos como armas, instrumentos musicais, mercadorias, alimentos, como também animais foram sacrificados. O autor enumera todos, dizendo que foi um cachorro, uma galinha, dois cavalos e duas vacas. Ao término do rito, a escrava era executada, seu corpo posto no navio. Um dos filhos do chefe aproximou-se totalmente nu do navio, pegou uma tocha, andou diante desse e lançou a tocha na embarcação, iniciando o fogo. Outros companheiros do chefe fizeram o mesmo. Dias depois antes de irem embora daquela localidade, os homens ergueram um montículo de terra sobre os restos do navio, e montaram uma espécie de lápide feita de madeira, gravando o nome de seu senhor.

Ele encerra seu relato apresentando espanto. Os muçulmanos não tinham o hábito de cremar os mortos, mas o mais espantoso e bárbaro para ele era o fato da perversão sexual da escrava, da festa, da falta de pudor e luto, o sacrifício de animais e de uma mulher. Para além das impressões de repulsa do observador árabe, seu relato é o único de teor histórico que se conhece a respeito da cremação em uma embarcação⁸.

O relato de Ibn Fadlan tem vários elementos que encontram eco nos achados arqueológicos: um barco que é arrastado para terra para servir de caixão e pira fúnebre, o corpo sentado dentro da embarcação, as oferendas ao morto sob a forma de comida e armas, o sacrifício de um cão, cavalos, aves e uma rapariga, a cremação dos restos mortais e, por fim, a construção de uma colina de terra por cima das cinzas. Mas também há aspetos que seriam impossíveis de ler ou sequer de detectar no registo arqueológico, como a campa temporária, o processo de escolha da vítima humana, a atividade sexual que antecede o funeral, a elevação da escrava junto a uma estrutura de madeira, a presença de um grupo de homens com estacas e escudos ou a forma como a pira fúnebre foi acesa. Só temos conhecimento desses detalhes porque alguém deixou um registo escrito que nos dá uma imagem alargada da cerimónia fúnebre, muito para além de qualquer coisa que a arqueologia consegue descortinar (PIRES, 2016, p. 130).

Por mais que haja problemas de se comprovar a exatidão do relato histórico de Ahmad Ibn Fadlan, ainda assim, ele corrobora vários aspectos já apresentados quanto

ao rito de cremação: sacrifício de animais e de escravos; oferta de presentes; os pertences do morto eram colocados junto a ele. Um túmulo poderia ser construído de terra ou pedra, onde as cinzas seriam sepultadas.

O BARCO DOS MORTOS

Em escavações arqueológicas realizadas na Dinamarca, Noruega e Suécia entre os séculos XIX e XX, das várias covas e túmulos achados, alguns chamaram a atenção por ter se encontrado vestígios de barcos e até mesmo de navios. Quando essas primeiras embarcações como a de Tune e Oseberg, ambas na Noruega, foram descobertas, causou um alvoroço na Arqueologia da época (DELGADO, 2019, p. 86). Não demorou para que os estudiosos fossem remeter-se a descrição de Fadlan, quanto ao uso de embarcações nos ritos fúnebres.

A imagem icônica de um funeral nórdico pode ser a de um barco em chamas lançado ao mar com um ou mais corpos, mas é difícil perceber até que ponto essa ideia é verídica. A prática parece ser referida por Procopius, um autor bizantino do século VI, e figura ainda na tradição literária, embora o primeiro nunca tenha estado no norte da Europa e a segunda possa ser um caso de memória romanceada. E a arqueologia de pouco serve neste caso, uma vez que lançar ao mar barcos em chamas como parte de funeral não é algo que deixe vestígios identificáveis após vários séculos. Não é por isso possível dizer com segurança se era uma prática comum na Escandinávia antiga (PIRES, 2016, p. 120).

O comentário de Pires é bastante significativo e corroborado por vários arqueólogos que estudam a Escandinávia antiga e medieval. A respeito, Marcus Gerds (2006, p. 153) comentou que havia duas formas de enterro com o uso de barcos: uma forma na qual homens e mulheres eram colocados dentro de embarcações ao lado de objetos diversos e animais sacrificados, podendo estes estarem inteiros ou em partes, então a embarcação era enterrada, formando-se um montículo. A segunda forma de sepultamento é similar à primeira, a diferença é que os restos mortais eram cremados e depois suas cinzas depositadas sob um montículo. Gerds *não confirma se a prática de cremar corpos em barcos ou navios fosse comum.*

Existe também uma terceira forma de enterro que usava barcos, embora não barcos de verdade. Conhecida como “barcos de pedra” (*stone-boat* ou *stone-ship*), consiste numa prática fúnebre na qual o túmulo seria demarcado com pedras para formar um barco (Figura 1). Gerds (2006, p. 154) aponta que nos séculos VIII-IX d.C. essa prática começou a se tornar comum em alguns locais da Dinamarca e na Suécia, como a ilha de Gotland, ao ponto de surgirem “cemitérios de barcos de pedra”. Price (2008, p. 261) salienta que em muitos desses túmulos as pessoas eram cremadas, encontrando-se suas cinzas, mas havia casos de que corpos foram sepultados.



Figura 1: Túmulo em formato de barco de pedra, encontrado na ilha de Gotland, Suécia. Foto tirada em 7 de setembro de 2003.
Fonte: Kringla Riksantikvarieämbetet. Disponível em: <http://www.kringla.nu/kringla/objekt?referens=raa/kmb/16000300037636>

Acerca dessa questão da difusão da crença fúnebre de se usar embarcações, Marcus Gerds (2006, p. 153) diz que da Idade do Ferro Escandinava até meados da Era Viking foram achados mais de 400 túmulos contendo embarcações, a maioria de pequeno porte e bastante deteriorada. E pelo que as escavações arqueológicas sugerem, essa prática foi bem comum durante o Período Vendel (550-750 d.C.), época que foi marcada por prosperidade com o crescimento de centros econômicos, principalmente na Dinamarca, sul da Noruega, nas redondezas de Uppsala e na ilha de Gotland, ambos na Suécia (GRAHAM-CAMPBELL, p. 31).

Entretanto, o uso de sepultamentos em barcos não ficou restrito ao território escandinavo. A presença nórdica em outros territórios como na Ilha de Man, Escócia, Finlândia e Rússia, também revelam o emprego de barcos-túmulos, o que revela que embora tais embarcações necessariamente não fossem cremadas, ainda assim, essa forma de inumação foi algo típico de determinadas épocas na Escandinávia, e levada consigo para outras localidades pelas quais os nórdicos viveram ou visitavam (LANGER, 2015, p. 198).

Pires (2016, p. 121) assinala que a prática de enterros com barcos continuou até pelo menos o final do século X, época que se encontram alguns dos melhores vestígios de embarcações, corpos e artefatos como o navio de Oseberg (Figura 2), o qual trouxe uma variedade de objetos, trenós, carroça, móveis, duas

mulheres (mãe e filha) sepultadas e vários animais sacrificados. O caso de Oseberg é um dos mais notáveis da arqueologia nórdica, entretanto, o navio foi enterrado, não cremado.



Figura 2: O navio de Oseberg em exposição no Viking Ship Museum em Oslo, Noruega.

A embarcação foi escavada entre 1904 e 1905, sendo datada do século IX.

Foto de 3 de setembro de 2012.

Fonte: <http://irisharchaeology.ie/2012/09/the-oseberg-viking-ship-burial/>.

Nesse ponto, Price (2008, p. 262) salienta que em alguns túmulos terem sido encontrados não apenas navios, mas carroças, trenós e cavalos, às vezes em grande quantidade, tratar-se-ia de uma concepção ritualística e religiosa de que os mortos precisariam de auxílio para viajar. Sobre isso, Ulla Laumand (2006, p. 130) sublinha que entre as crenças dos nórdicos havia a de que a alma viajaria para os mundos dos mortos, inclusive uma viagem quase que literal, por isso, a necessidade de receberem meios de transporte para fazer isso. Fossem navios, carroças ou mais comumente cavalos, os quais eram animais símbolos do transporte, além do fato que nos mitos *nórdicos*, o cavalo Sleipnir era usado em algumas ocasiões para se viajar à Helheim, a terra dos mortos.

Nesse sentido, a presença de embarcações em túmulos poderia significar que se tratava na crença em psicopompos (meios pelos quais a alma seria levada aos mundos dos mortos). Sobre isso é válido mencionar que o barco em diferentes religiões e culturas na História, estavam associados não apenas a viagens físicas, mas a viagens transcendentais para outros mundos. Eram meios nos quais vivos e mortos poderiam viajar. Encontramos relatos como no Egito, Grécia, Irlanda, Mesopotâmia, Japão, Escandinávia, Oceania e em outros lugares. O barco dos mortos seria uma forma de passagem segura para alma conseguir alcançar seu destino no pós-morte (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 179).

Embora somente no mito de Balder fala-se do uso de um barco para fins funerários, quando se passa para o nível da crença popular, encontram-se referências a ideia de que os mortos viajariam, assim como, em alguns casos precisariam de navios ou outros meios de transporte. Hilda Davidson (1968, p. 11) comenta o fato de que em vários túmulos escandinavos de diferentes épocas, os corpos estavam com as cabeças ou pés direcionados para o Norte. Ela informa que em alguns locais havia a crença que os mundos dos mortos se situariam no Norte, com isso era necessário posicionar os mortos nesta direção, auxiliando-se a encontrar o caminho correto.

Jonas Wellendorf (2006, p. 53) e Eldar Heide (2011, p. 106) comentam a respeito da visão cosmogônica que os vikings possuíam. Ambos salientam que haveria uma visão na qual dividia o mundo em três eixos verticais, situando Valhala, Folkvang e Bilskirnir no céu, quanto a Hel, os salões de Rán e Náströnd no submundo. Todos estes locais eram considerados mundos dos mortos, para onde as almas seguiriam por diferentes motivos. Por outro lado, eles também atentam que haveria uma visão horizontal, na qual situaria todos estes lugares no mesmo plano.

No caso da visão horizontal, algumas montanhas eram consideradas locais sagrados e de descanso dos mortos, sendo chamadas de *helgafell* (“montanha sagrada”), como também havia a crença que mulheres virgens ao morrerem assim, iriam para a ilha da deusa Gefjion. Não obstante, no plano horizontal, Valhala e Hel (os quais eram os principais mundos dos mortos) seriam referidos como estando ao Norte, no além-mar. Neste ponto é preciso mencionar um comentário de Eldar Heide sobre a associação de fronteiras aquáticas com os “outros mundos”.

A ideia de que o (ou) reino dos mortos está situado além de um rio (frequentemente subterrâneo) que os mortos têm que atravessar, também é encontrada em toda a Europa do Noroeste e na maioria das outras partes do mundo. Também era comum acreditar que os que partiram foram para uma terra além-mar (ou outro grande corpo de água). [...]. Em Beowulf, o corpo do rei Scyld (pai de Beowulf) é colocado em um navio que o transporta para o mar⁹. Na Escandinávia parece que também se poderia ir para Hel através do mar. Quando o deus Baldr estava morto, seu corpo foi colocado em seu navio, que foi posto à tona e depois incendiado, e depois ouvimos falar dele em Hel (HEIDE, 2011, p. 59, tradução nossa).

Na perspectiva de Heide, ele sugere se o ato de realizar o funeral de alguns mortos em barcos estaria relacionado com o imaginário mítico-religioso de que as almas fariam uma viagem marítima até os mundos dos mortos. A ideia do autor é interessante, mas tem alguns problemas. Muitos dos escandinavos eram sepultados sem embarcações e nem mesmo recebiam carroças ou cavalos. Contudo é preciso pensar também que possa se tratar de uma crença associada

a determinados setores da sociedade, ou até mesmo a determinadas regiões e épocas (HEDEAGER, 2008, p. 17-18). No entanto, isso não significa que a pessoa que foi enterrada sem um barco, carroça ou cavalo, não pudesse ter uma crença parecida, de se pensar que realizaria uma viagem marítima até os mundos dos mortos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos religiosos percebemos uma ligação entre crença, religião, rito e mito, pois em determinadas épocas os vikings acreditavam que os falecidos realizariam uma viagem para um dos mundos dos mortos, necessitando assim de meios de transporte como cavalos, carroças e barcos. Nesse quesito foi apresentado que dependendo da condição social do falecido e dos recursos disponíveis por sua família, a forma como o enterro seria realizado variava desde uma simples cova ou pira fúnebre até barcos-túmulos, montículos funerários e grandes piras fúnebres, nas quais o morto era enterrado ou cremado com seus pertences e presentes, e até mesmo recebia sacrifícios animais ou de escravos.

Por sua vez, relatos mitológicos sugerem que a cremação e a inumação seriam práticas criadas pelos deuses e legadas aos homens. Na *Heimksgringla*, informa que Odin teria criado os ritos funerários, o que concedia nesse sentido uma origem divina para tais práticas. Por outro lado, apenas um mito nos fornece um relato acerca da cremação em barcos, que no caso, trata-se do mito sobre o deus Balder como narrado no *Gylfaginning* da *Edda em Prosa*.

Neste exemplo encontramos evidências de pessoas sendo cremadas em embarcações, as quais levavam também pertences como armas e presentes, além de haver o relato de um animal (cavalo) sendo cremado junto. Por sua vez, apontou-se também a partir do mito de Sigurd, características sobre o rito de cremação, que envolvia depósito de pertences, sacrifício de animais e até de escravos, algo que encontra respaldo no relato histórico de Ahmad ibn Fadlan, o qual registrou o funeral de um chefe rus na região do Volga, na atual Rússia.

O relato de ibn Fadlan que é datado do século X, atesta ideias vistas nos relatos mitológicos contidos nos mitos de Balder e Sigurd. Além disso, através da arqueologia foi confirmada a descoberta de várias embarcações de pedra e algumas de madeira, mostrando que realmente essa prática envolvendo barcos e navios existiu, apesar que necessariamente não envolvesse a cremação em todas as situações. Todos os barcos de madeira descobertos, foram enterrados, não cremados. Um dos motivos para não encontrarmos barcos cremados deve-se ao fato que o fogo destruiu todos os vestígios. Um dos problemas de se estudar funerais que envolvam esse tipo de prática é que ele prejudica a obtenção de restos materiais.

Entretanto, apesar de ter sido identificado vários “barcos de pedra”, foi sublinhado que essa prática foi predominante na Suécia, entre os séculos VI ao VIII d.C. antecedendo a Era Viking, além de ter sido abandonada por motivos não conclusivos. Por sua vez, navios de madeira foram encontrados na Suécia, Noruega, Dinamarca, Rússia, Ilha de Man, Escócia e em outras localidades, entre

os séculos IX e X d.C. mostrando que essa prática de embarcações fúnebres foi aplicada de distintas formas e em diferentes épocas e lugares. Algo que se deve a condição de que a Religião Nórdica Antiga não possuía um sistema de crenças e dogmas, ou um clero para organizar tais ritos.

Nesse âmbito é pertinente deixar expressado que o uso de embarcações para sepultar os nórdicos foi uma prática exclusiva de determinados indivíduos abastados ou de honra, os quais detinham recursos ou mérito de poderem ser sepultados daquela forma, embora que não necessariamente todo nobre, guerreiro, chefe ou rei tivesse que ser sepultado num barco. Essa obrigatoriedade *é uma invenção das artes*.

Por fim, sublinha-se que a literatura e os filmes não estariam plenamente errados ao representar cremações em barcos, já que haja em vista existirem algumas evidências históricas para isso, mesmo que escassas ainda. Porém, essa imagem de “funeral viking” como nos é passada até hoje, é claramente uma invenção romanceada desenvolvida desde o século XIX com as pinturas no Romantismo e perpetuada no filmes, devido ao seu impacto visual e estético de causar uma impressão bela e até épica para aquele momento.

THE BOAT OF THE DEAD: A STUDY OF THE CREMATION RITE OF THE VIKINGS

Abstract: *the purpose of this paper was to analyze the cremation rite on boats as commonly attributed to the Vikings, because in paintings, literature and movies it is common to see warriors or kings being cremated on ships or boats. But this would be the result of a romanticized view of funeral practices or indeed the Vikings perform such an act. Taking this into consideration, the research sought to consult medieval sources from History, Literature, and Archeology to ascertain among the practices that formed the Old Norse Religion, what the act of cremation on vessels would have been, how it was performed, and what evidence we had about it.*

Keywords: *Vikings. Burial ships. Old Norse Religion.*

Notas

- 1 As datas mencionadas para a Idade do Bronze e do Ferro são relativas ao contexto escandinavo. Em outros locais do mundo a periodização pode variar.
- 2 A *Edda Poética* é uma compilação de vários poemas de autoria anônima, os quais versam sobre os deuses e alguns heróis. Esses poemas foram encontrados compilados no manuscrito *Codex Regius* (GKS 2365 4to), que é datado do final do século XIII, tendo sido escrito na Islândia. Já a *Edda em Prosa* possui quatro manuscritos conhecidos, estes datados entre 1270 e 1350. No manuscrito mais velho a autoria da obra é creditada ao poeta islandês Snorri Sturluson (1179-1241). Sturluson teria redigido a obra na década de 1220. O livro é dividido em quatro partes: prólogo, *Gylfaginning*, *Skáldskaparmál* e *Háttatal* (LANGER, 2015, p. 143-147).

- 3 Essas instruções também são encontradas em outra versão do mito, preservada no poema *Sigurðarkviða hin skamma* (“Breve Lei de Sigurd”), na *Edda Poética*, nas estrofes 65-71.
- 4 No filme *A Maldição do Anel* (*The Curse of Ring*) de 2004, o qual adapta parte da *Saga dos Volsungos*, Sigurd e Brunilde são cremados num barco em um rio, sem a companhia de animais ou de escravos. Nota-se neste caso como a imagem do barco fúnebre tornou-se comum, a ponto de haver essa mudança em relação a narrativa original.
- 5 A *Gesta Danorum* consiste num conjunto de dezesseis “livros” que perfazem uma crônica atribuída a autoria de um clérigo dinamarquês conhecido pelo pseudônimo de Saxo Grammaticus, que redigiu essa narrativa entre os séculos XII e XIII, no intuito de narrar a história de seu povo, partindo desde monarcas lendários até acontecimentos históricos da sua época. Os nove primeiros volumes compreendem as narrativas lendárias (CHRISTIANSEN, 1993, p. 567).
- 6 Os vikings que habitavam o leste Europeu eram conhecidos como Rus. Além desse termo, o autor também se referia a eles pelo termo varengue, expressão usada pelos bizantinos para se referir aos vikings que viviam em Kiev e em Constantinopla (MONTGOMERY, 2000, p. 3).
- 7 A descrição negativa dos rus não é exclusiva a estes. Em sua jornada Fadlan também descreveu que os turcos, eslavos e cazares eram bárbaros imundos, depravados, idólatras e violentos.
- 8 O relato de Ibn Fadlan inspirou o escritor Michael Crichton, o qual escreveu o livro *Os devoradores de mortos* (*Eaters of the Dead*), publicado originalmente em 1976. O livro inspirou o filme *O 13º Guerreiro* (1999).
- 9 Embora o rei Scyld tenha sido colocado num barco no mar, ele não foi cremado. Por sua vez, seu filho Beowulf foi cremado numa pira fúnebre.

REFERÊNCIAS

- ANÔNIMO. *The Poetic Edda*. Translated by Carolyne Larrington. Revised edition. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- ANÔNIMO. *Saga dos Volsungos*. Tradução, introdução e notas: Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.
- BERNÁRDEZ, Enrique. *Los mitos germánicos*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- CHRISTIANSEN, Eric. Saxo Grammaticus. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten (eds.). *Medieval Scandinavia: an Encyclopedia*. London: Routledge, 1993. p. 566-569.
- DAVIDSON, Hilda R. E. *The Road to Hel: a study of the conception of the dead in Old Norse literature*. New York: Greenwood Press, 1968.
- DELGADO, Alberto Robles. Dragones del mar: el barco vikingo en el cine. In: MARCHENA, Oscar Lapeña (ed.). *El Cine va de viaje*. Paris: Universidad Paris-Sud, 2019.

- GERDS, Marcus. Scandinavian burial rites on the southern Baltic coast: boat-graves in cemeteries of early medieval trading places. *In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds). Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions.* Lund: Nordic Academy Press, 2006. p. 153-158.
- GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os Vikings.* Barcelona: Editora Folio, 2006.
- HEDEAGER, Lotte. Scandinavia before the Viking Age. *In: BRINK, Stefan (Ed). The Viking World.* London/New York: Routledge, 2008. p. 11-22.
- HEIDE, Eldar. Holy islands and the otherworld: places beyond water. *In: JØRGENSEN, Torstein; JARITZ, Gerhard. Isolated islands in medieval nature, culture and mind.* Bergen: Central European University Press, 2011. p. 57-80.
- HULTGÅRD, Anders. The religion of the vikings. *In: BRINK, Stefan (ed.). The Viking World.* New York/London: Routledge, 2008. p. 212-218.
- IBN FADLAN, Ahmad. *Viagem ao Volga: relato do enviado de um califa ao rei dos eslavos.* Tradução, introdução e notas de Pedro Martins Criado. São Paulo: Cambraia, 2018.
- JENNBERT, Kristina. The heroized dead: peoples, animals, and materiality in Scandinavian death rituals, AD 200-1000. *In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions.* Lund: Nordic Academy Press, 2006. p. 135-140.
- JENNBERT, Kristina. *Sheep and goats in Norse paganism. PECUS.* Man and animal in antiquity. Proceedings of the conference at the Swedish Institute in Rome, p. 9-12, 2002.
- LANGER, Johnni. Edda em Prosa. *In: LANGER, Johnni (org.). Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos.* São Paulo: Hedra, 2015. p. 143-145.
- LANGER, Johnni. Funerais e enterros. *In: LANGER, Johnni (org.). Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos.* São Paulo: Hedra, 2015. p. 197-199.
- LANGER, Johnni. Vikings. *In: FUNARI, Pedro (org.). As religiões que o mundo esqueceu.* São Paulo: Contexto, 2009. p. 131-144.
- LANGER, Johnni. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. *Brathair*, v. 5, n. 2, p. 55-82, 2005.
- LINDOW, John. *Norse mythology: a guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs.* New York: Oxford University Press, 2002.
- LOUMAND, Ulla. The horse and its role in Icelandic burial practices, mythology, and society. *In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions.* Lund: Nordic Academy Press, 2006. p. 130-134.

- MONTGOMERY, James E. Ibn Fadlan and the Rusiyyah. *Journal of Arabic and Islamic Studies*, n. 3, p. 1-25, 2000.
- PIRES, Hélio. Funerais e crenças. In: LANGER, Johnni; AYOUB, Munir Lufte (orgs.). *Desvendando os vikings: estudos de cultura nórdica medieval*. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 114-132.
- PRICE, Neil. Dying and the Dead: Viking age mortuary behavior. In: BRINK, Stefan (Ed.). *The Viking World*. New York/London: Routledge, 2008. p. 257-273.
- PRICE, T. Douglas. *Ancient Scandinavia*. New York: Oxford University Press, 2015.
- SIMEK, Rudolf. *Dictionary of Northern Mythology*. Translated by Angela Hall. 4. Reprinted. Woodbridge: D.S. Brewer, 1993.
- STURLUSON, Snorri. *The Uppsala Edda*. Edited with introduction and notes by Heimir Pálsson. Translated by Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research/University College London, 2012.
- STURLUSON, Snorri. *Heimskringla*. Translated by Alison Finlay and Anthony Faulkes. London: University College London, 2011.
- WELLENDORF, Jonas. Homogeneity and heterogeneity in Old Norse cosmology. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academy Press, 2006. p. 50-53.